

# Introdução ao pensamento de Francisco de Oliveira: um *avis rara* na dialética brasileira<sup>1</sup>

Prof. Dr. Adilson Marques Gennari<sup>2</sup>

86

## Resumo

Este artigo tem o objetivo de fazer uma introdução ao pensamento do sociólogo Francisco de Oliveira cuja obra o fez figurar entre os grandes teóricos que contribuíram para elucidar a particularidade do capitalismo brasileiro. *Avis rara* na academia, arriscou-se a avançar sobre as teorias de Marx e logrou êxito ao refletir sobre seu antivalor (até hoje pouco compreendido) e sobre a atual sociedade capitalista chamada por ele de molecular-digital. Sua relativamente vasta obra vai desde os escritos do CEBRAP sobre crítica ao pensamento da CEPAL e construção de sua análise crítica da economia e sociedade brasileira até suas últimas reflexões sobre o momento presente. Sensível e visionário, viu que a sociedade brasileira rumara para “complexos processos de nova direitização, neoconservadorismo, racismo físico e cultural, intensa transformação dos sujeitos sociais, desemprego, que no fundo expressam uma radical exasperação dos limites da mercadoria. Uma crise da modernidade que volta a tangenciar os limites do totalitarismo, numa espécie de Auschwitz sem chaminés de crematório.

**Palavras-chaves:** particularidade, crise, Francisco de Oliveira.

---

<sup>1</sup> Advertência nº 1: Escrevo sobre a obra de Francisco de Oliveira não sem um certo aperto no coração pois acabamos de perder nosso grande e querido e já saudoso mestre Chico de Oliveira.

<sup>2</sup> Professor da FCLAr/UNESP; Doutor em Ciências Sociais pelo IFCH/UNICAMP e Coordenador do Grupo de Pesquisa em História Econômica Contemporânea (GPHEC/FCLAr/UNESP).

[gennariadilson@gmail.com](mailto:gennariadilson@gmail.com)

Revista Fim do Mundo, nº 1, jan/abr 2020



### Resumen

Este artículo pretende hacer una introducción al pensamiento del sociólogo Francisco de Oliveira, cuyo trabajo lo hizo figurar entre los grandes teóricos que contribuyeron a dilucidar la particularidad del capitalismo brasileño. Un aviso raro en la academia, se aventuró a avanzar en las teorías de Marx y logró reflexionar sobre su antivalor (hasta ahora poco entendido) y sobre la sociedad capitalista actual que él llama molecular-digital. Su trabajo relativamente amplio abarca desde los escritos de CEBRAP sobre criticar el pensamiento de la CEPAL y construir su análisis crítico de la economía y la sociedad brasileña hasta sus últimas reflexiones sobre el momento actual. Sensible y visionario, vio que la sociedad brasileña se había encaminado hacia "procesos complejos de nuevos derechos, neoconservadurismo, racismo físico y cultural, intensa transformación de los sujetos sociales, desempleo, que básicamente expresan una exasperación radical de los límites de la mercancía. Una crisis de la modernidad que nuevamente toca los límites del totalitarismo, en una especie de Auschwitz sin chimeneas de crematorios.

**Palabras clave:** particularidad, crisis, Francisco de Oliveira.

### Abstract

This article aims to make an introduction to the thinking of sociologist Francisco de Oliveira whose work figure among the great theorists who contributed to elucidate the particularity of Brazilian capitalism. *Avis rara* in the academy, he risked advancing Marx's theories and succeeded in reflecting on his (still poorly understood) anti-value and the current capitalist society he called molecular-digital. His relatively vast work ranges from CEBRAP's writings on criticism of CEPAL thinking and the construction of his critical analysis of the Brazilian economy and society to his last reflections on the present moment. Sensitive and visionary, he saw that Brazilian society had headed for "complex processes of new rights, neoconservatism, physical and cultural racism, intense transformation of social subjects, unemployment, which at bottom express a radical exasperation of the limits of the commodity. A crisis of modernity that returns to the limits of totalitarianism, in a kind of Auschwitz without crematorium chimneys.

**Keywords:** particularity, crisis, Francisco de Oliveira.

"A resolução das contradições entre relações de produção e nível de desenvolvimento das forças produtivas é *resolvida* pelo aprofundamento da exploração do trabalho"

Francisco de Oliveira



## 1. Introdução<sup>3</sup>

Este artigo tem o objetivo de fazer uma pequena introdução ao pensamento de um dos mais criativos e inovadores pensadores sociais do nosso tempo: Francisco Maria Cavalcanti de Oliveira (Recife 1933 – São Paulo, 2019), ou Chico de Oliveira, figura ao lado dos grandes teóricos que contribuíram para elucidar a particularidade do capitalismo brasileiro, ou nas suas próprias palavras ao se referir a Celso Furtado, “um demiurgo do Brasil”. Neste sentido, a obra de Chico de Oliveira está no universo das obras de grandes pensadores como Celso Furtado, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, José Chasin, Darcy Ribeiro, Caio Prado Jr, Fernando Henrique Cardoso, Florestan Fernandes etc., ou seja, está no panteão daqueles que contribuíram decisivamente para a compreensão da particularidade ou caminho específico de desenvolvimento do capitalismo brasileiro.

Cientista social formado pela atual Universidade Federal de Pernambuco (1956) foi superintendente-adjunto da SUDENE com Celso Furtado, de 1959 até ser preso, torturado e posteriormente exilado por seus algozes do golpe civil-militar de 1964. Considerado *Notório Saber* e *Doutor Honoris Causa* em sociologia (USP, 1992), realizou pós-doutorado junto a *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS). Depois de alguns anos no exílio retornou ao Brasil e consolidou sua carreira de professor e pesquisador, primeiro na PUC e CEBRAP e depois na USP. Como grande intelectual sempre pautou-se por uma atitude humilde, atendia estudantes no CEBRAP, na PUC ou na USP do mesmo modo, com atenção, amizade,

---

<sup>3</sup> Advertência nº 2 este *paper* se valeu das pesquisas e escritos de minha autoria que deram origem ao capítulo 24.4 do livro *História do Pensamento Econômico*, em coautoria com Roberson de Oliveira, publicado pela Editora Saraiva em segunda edição revisada de 2019.



rigor científico e senso de responsabilidade histórica.

Recebeu a chave da cidade de São Paulo, apesar de sempre se emocionar ao se lembrar de sua Recife (segundo ele uma chaga que nunca fechou). Homem honesto, dedicado e honrado com suas ideias socialistas, compreendeu como poucos as ideias revolucionárias de Karl Marx.

Refinado, arriscou-se a avançar sobre as teorias de Marx e logrou êxito ao refletir sobre seu antivalor (até hoje pouco compreendido) e sobre a atual sociedade capitalista chamada por ele de molecular-digital. Teceu profundas reflexões conjunturais sobre a situação do Nordeste brasileiro e dos governos brasileiros desde a República Velha até o governo de Luiz Ignácio Lula da Silva.

Intelectual engajado, em sua atuação política foi dos mais importantes intelectuais em oposição ao regime militar e um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores, do qual se afastou não apenas por motivos políticos, mas fundamentalmente depois de fazer uma profunda análise crítica da origem, mudanças e significado do PT. Nesta empreitada concluiu que o partido era, no fundo, a representação de uma nova fração da classe burguesa, aquela ligada aos fundos de pensão, às empresas estatais, burocratas e alguns professores universitários.

## **2. Crítica ao pensamento da CEPAL e a particularidade brasileira**

O processo de conhecimento ou de elucidação da particularidade do capitalismo brasileiro ganhará uma contribuição significativa com os estudos de Chico de Oliveira sobre revolução burguesa e acumulação industrial no Brasil. Oliveira adverte de início que não se pode tomar o *classicismo* do modelo ocidental como *regra estrutural*.



A transição para a economia capitalista moderna passa necessariamente pela rearticulação das forças sociais, das classes e das velhas e novas frações da classe dominante: “há somente uma questão a ser resolvida: a da substituição das classes proprietárias rurais na cúpula da pirâmide do poder pelas novas classes burguesas empresariais industriais”<sup>4</sup>.

No caso da particularidade brasileira, “ao contrário da revolução burguesa ‘clássica’, a mudança das classes proprietárias rurais pelas novas classes burguesas empresariais industriais não exigirá, no Brasil, uma ruptura total do sistema, (...) aqui passa-se uma crise nas relações externas com o resto do sistema, enquanto no modelo ‘clássico’ a crise é na totalidade da economia e da sociedade”<sup>5</sup>.

No pensamento de Oliveira, não havia, portanto, a necessidade de ruptura total com as frações de classe ditas arcaicas, entretanto, haverá a necessidade de se adequar a acumulação as novas exigências do capital industrial nascente e, segundo Oliveira, o chamado “populismo” será a forma já que pela manipulação da classe trabalhadora via leis trabalhistas e sindicatos, a fração burguesa poderá alcançar seus objetivos de dinamizar a acumulação industrial no Brasil no pós-anos 30.

Não cabe aqui aprofundar esta questão e seu debate na literatura, entretanto, vale lembrar que no pensamento de Florestan Fernandes, a transição dependerá muito mais da aliança entre a nova fração burguesa industrial com a velha oligarquia agrário-exportadora, cuja aliança pelo alto impedirá o avanço das conquistas da classe trabalhadora, do que da

---

<sup>4</sup> OLIVEIRA, F. A economia brasileira: crítica à razão dualista, p. 38.

<sup>5</sup> OLIVEIRA, F. A economia brasileira: crítica à razão dualista, p. 39.



“aliança” populista entre a nova fração burguesa industrial com a classe trabalhadora.

Segundo Oliveira, “a acumulação primitiva é estrutural e não apenas genética. Assim, tanto na abertura de fronteiras *externas* como *internas* o processo é idêntico: o trabalhador rural ou o morador ocupa a terra, desmata, destoca, e cultiva as lavouras temporárias chamadas de *subsistência*, nesse processo, ele prepara a terra para as lavouras permanentes ou para a formação de pastagens, que não são dele, mas do proprietário. Há, uma transferência de *trabalho morto*, de acumulação, para o valor das culturas ou atividades do proprietário”<sup>6</sup>. Isso explica, em parte, por que um dos mais importantes movimentos sociais no Brasil é ainda hoje o movimento dos trabalhadores rurais - MST.

Chico de Oliveira se debruçou sobre a principal interpretação do subdesenvolvimento latino- americano, ou seja, o chamado pensamento originário da CEPAL, cujas principais contribuições vieram das penas de Raul Prebisch e Celso Furtado. O eixo do pensamento cepalino funda-se no raciocínio dualista, ou seja, o dualismo entre centro e periferia, moderno e atrasado, desenvolvido e subdesenvolvido. A periferia atrasada e subdesenvolvida tinha uma estrutura econômica heterogênea com a falta ou debilidade dos setores dinâmicos, como a indústria. A agricultura para subsistência também era atrasada. Já o centro desenvolvido tinha uma estrutura homogênea com alta produtividade no setor moderno.

Este pensamento dualista foi o primeiro alvo da crítica empreendida por Chico de Oliveira. Este esquema centro *versus* periferia deixava de lado em primeiro lugar o cerne do processo, que está ligado às relações concretas

---

<sup>6</sup> OLIVEIRA, F. A economia brasileira: crítica à razão dualista, p. 21.



entre as classes e frações de classes sociais interessadas no desenvolvimento. Além disso, o pensamento dicotômico se esquece que o centro e a periferia formam uma unidade contraditória sob a regência da acumulação ampliada do capital. Neste sentido, “de fato, o processo real mostra uma simbiose e uma organicidade, uma unidade de contrários, em que o chamado ‘moderno’ cresce e se alimenta da existência do ‘atrasado’, se se quer manter a terminologia”<sup>7</sup>. Ou seja, Oliveira entende que na construção teórica cepalina,

toda a questão do desenvolvimento foi vista sob o ângulo das relações externas, e o problema transformou-se, assim, em uma oposição entre nações, passando despercebido o fato de que, antes de oposição entre nações, o desenvolvimento ou o crescimento é um problema que diz respeito à oposição entre classes sociais internas.<sup>8</sup>

A metodologia cepalina histórico-estruturalista tem seus alcances, pois introduziu uma reflexão inovadora no pensamento econômico, mas também tem seus limites, já que ao não ver o processo histórico como uma relação contraditória, de sujeitos e classes sociais reais no processo histórico, não pôde alcançar certos aspectos da particularidade latino-americana em relação ao processo de industrialização, setor este cuja ausência ou debilidade era considerado um elemento central do subdesenvolvimento. Neste aspecto, a interpretação de Oliveira vai além. Para Oliveira, a industrialização,

---

<sup>7</sup> OLIVEIRA, F. Crítica à razão dualista, o ornitorrinco, p. 12.

<sup>8</sup> OLIVEIRA, F. Crítica à razão dualista, o ornitorrinco, p. 12.



pensada como a condição *sine que non* para a ruptura da relação de subordinação e dependência de países produtores de bens primários *versus* produtores de bens industriais, repôs a relação desigual, posto que foram empresas dos países centrais que estiveram e estão à frente dos ramos dinâmicos, e fragorosamente produziu uma dívida externa, cujo resultado foi o de transformar o dólar e outras moedas fortes no pressuposto e resultado da acumulação de capital, retirando os graus de liberdade do desenvolvimento autônomo, duramente perseguido.<sup>9</sup>

Neste complexo contexto de reposição das condições de dependência e subordinação, emerge claramente o caráter específico da nova fração da classe dominante, ou burguesia urbano industrial brasileira: “na crise da passagem para uma sociabilidade de sujeitos autônomos, ainda que no marco capitalista, as burguesias não suportaram a emergência das novas classes sociais virtualmente colocadas pela própria expansão capitalista, (...) e apelou simultaneamente e decisivamente para a repressão política e para as forças imperialistas”<sup>10</sup>. Ou seja, as novas frações de classe da burguesia ligada ao chamado setor moderno, ou urbano industrial, por razões da complexidade histórica do século XX, não conseguiram se constituir como classe autônoma, ou independente das forças imperialistas. Como já fizemos menção acima, chegamos então a uma compreensão das novas frações da burguesia, ou melhor, da sua impotência histórica, já que não só deve fazer aliança com as frações tradicionais ou arcaicas

---

<sup>9</sup> OLIVEIRA, F. *Os direitos do antivalor*. Petrópolis: Vozes, 1988, p. 206-7.

<sup>10</sup> OLIVEIRA, F. *Os direitos do antivalor*. Petrópolis: Vozes, 1988, p. 207.





(além do que Oliveira chamou de pacto populista com a classe trabalhadora) como também não pôde se construir como classe autônoma frente ao poder do imperialismo, ou das classes modernas dominantes dos países centrais: isto é, essencial para se entender a particularidade da economia e da sociedade brasileira.

Ao analisar as mudanças estruturais na economia brasileira do Governo Vargas até os cinquenta anos em cinco de JK, Oliveira entende que,

a recorrência ao capital estrangeiro levou inexoravelmente a uma estruturação presidida pelo departamento produtor de bens de consumo duráveis, o que, nas condições de uma economia periférica, dificilmente deixaria de produzir algumas facetas mais negativas da economia nacional de hoje: sua exagerada concentração da renda e da riqueza, pois que o departamento condutor do processo de industrialização caracteriza-se precisamente por não produzir bens para as classes assalariadas em geral, e especificamente para os operários e camponeses.<sup>11</sup>

Aqui temos outra contribuição significativa de Chico de Oliveira para a compreensão de do processo particular de modernização do capitalismo no Brasil. Segundo Oliveira, há uma singularidade que se impõe ao processo: “uma crise recorrente de Balanço de Pagamentos, que se expressa na contradição entre uma industrialização voltada para o mercado interno mas financiada ou controlada pelo capital estrangeiro e a insuficiência de geração de meios de pagamento internacionais para fazer voltar à circulação internacional de capitais a parte do excedente

---

<sup>11</sup> OLIVEIRA, F. A economia da dependência imperfeita. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1977, p. 4.



que pertence ao capital internacional. (...) Agora, sob o novo padrão, as crises são da circulação internacional do dinheiro-capital”<sup>12</sup>.

E assim, com a genialidade de um *avis rara*, Chico de Oliveira explica a principal contradição do processo de acumulação no elo periférico que resulta num tipo específico de “dependência imperfeita”, isto é, onde o elo dependente ou subordinado não consegue se reproduzir e manter a própria subordinação, transformando a acumulação de capital numa crise estrutural recorrente. Este processo permeará e será a espinha dorsal econômica de toda a crise do início dos anos 1960 e se manterá ativa por toda a chamada economia do pós-64, cuja “resolução” será o aprofundamento da subordinação da economia brasileira aos elos hegemônicos da economia global e a acachapante concentração de renda. Entretanto, a contradição apenas se reporá, primeiro como dívida externa, depois como inflação e no período contemporâneo como ultrajante dívida interna.

### 3. Estado contemporâneo e o surgimento do Antivalor

O *insight* do surgimento do antivalor é uma das mais interessantes provocações teóricas de Francisco de Oliveira. Estudioso do Estado capitalista moderno notou que o pano de fundo das relações entre Estado moderno e economia capitalista começa a sofrer uma mudança depois da grande crise de 1929. No campo do debate teórico das ciências econômicas a grande novidade foi a publicação em 1936 da principal obra de John Maynard Keynes, sua teoria da moeda, do juro e do emprego, que no fundo é uma teoria do Estado e da crise capitalista. A hegemonia do pensamento

---

12 OLIVEIRA, F. A economia da dependência imperfeita, p.87.



neoclássico somente sucumbiria alguns anos mais tarde, principalmente no após segunda guerra mundial com o Plano Marshall.

Na nova forma de ser da acumulação de capital, “o fundo público é agora o *ex ante* das condições de reprodução de cada capital particular e das condições de vida, em lugar de seu caráter *ex post* típico do capitalismo concorrencial. Ele é a referência pressuposta principal, que no jargão de hoje sinaliza as possibilidades de reprodução. A perequação da formação da taxa de lucro passa pelo fundo público, o que o torna um componente estrutural insubstituível. Do lado da reprodução da força de trabalho, a ascensão do financiamento público não foi menos importante.”<sup>13</sup>

Teoricamente, a mudança do padrão de financiamento a partir das mudanças das relações entre o Estado e a acumulação de capital pós-crise, introduzidas pelo financiamento público do *Welfare State* operou uma alteração na produção do valor. Segundo Oliveira, “levado às últimas consequências, o padrão de financiamento público *implodiu* o valor como único pressuposto da reprodução ampliada do capital, desfazendo-o parcialmente enquanto medida da atividade econômica e da sociabilidade em geral”<sup>14</sup>.

Na nova configuração, o fundo público entrará com um novo papel no financiamento geral da sociedade, ou seja, será não só um elemento constitutivo, mas sobretudo se transformará no próprio pressuposto da acumulação de capital e da reprodução da força de trabalho, o que dará ensejo ao surgimento das *antimercadorias* e do *antivalor* como elementos do processo de produção e reprodução do capital e da força de trabalho via

---

13 OLIVEIRA, F. “Globalização e antivalor: uma introdução ao antivalor”. In: Freitas, Marcos, C. A reinvenção do futuro, p. 86.

14 OLIVEIRA, F. Os direitos do antivalor. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 27



políticas sociais, ou seja, da sociedade como um todo:

do ponto de vista do circuito da mercadoria, a equação original de Marx era a de  $M-D-M$ , e o fundo público como estrutura imbricante transforma a equação para [anti- $M-M-D-M'$  (-anti- $M$ )], na qual os dois primeiros termos significam as antimercadorias e as mercadorias propriamente ditas, e os dois últimos significam a produção de mercadorias e a produção de antimercadorias.<sup>15</sup>

97

Segundo Oliveira, o fundo público como condição *ex ante* da acumulação de capital e da força de trabalho implicará uma mutação na composição da própria mercadoria: se antes era  $C+V+M$  agora passará a ser:  $-C+C+V(-V)+M$ , na qual a taxa de mais-valia se reduz pela presença, na equação, das antimercadorias sociais que funcionam como um *Ersatz* do capital variável.<sup>16</sup>

Mas afinal, teoricamente o que é o antivalor? Oliveira se debruçou ao estudo do capital voltando ao entendimento clássico de Marx onde o capital é uma relação social. Daí partiu para o estudo do lado da força de trabalho da relação e percebeu que, nos países chamados líderes do processo de acumulação de capital, desde os anos 1930, estava ocorrendo uma mudança nas relações introduzidas pela luta da classe trabalhadora e as mudanças e impactos na própria reprodução da força de trabalho com a introdução do salário indireto advindo dos gastos sociais: a isto Oliveira chamou de antimercadorias. Para Oliveira, “uma nova forma de socialização do excedente que, por realizar-se mediada pelo fundo público (e não pelo

---

<sup>15</sup> OLIVEIRA, F. *Os direitos do antivalor*. Petrópolis: Vozes, 1988, p. 33.

<sup>16</sup> OLIVEIRA, F. *Os direitos do antivalor*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 33.



mercado), eu chamei de antivalor”<sup>17</sup>.

#### 4. O capitalismo molecular-digital e o ornitorrinco

O capitalismo vem sofrendo uma profunda transformação estrutural desde o desencadear de sua crise estrutural que teve início nos anos 1970. É uma crise estrutural que abriu as portas para a chamada globalização, financeirização ou mundialização do capital com o fim o avanço final do capitalismo para o leste europeu cujo marco simbólico está representado pela queda do muro de Berlim. Desde então fora inaugurada uma nova onda de globalização e financeirização global. Neste sentido, “a financeirização do capitalismo, (...) abriu as comportas dos sistemas monetários e financeiros de cada capitalismo nacional”<sup>18</sup>.

As transformações são profundas e representam, segundo Oliveira,

uma poderosa mudança nos processos de trabalho está em curso, exemplificada, por excelência, na revolução microeletrônica. Ela tanto enxuga os quadros do trabalho em geral como redefine funções, lugares, hierarquias, relações, transitando do que se chamou de regras tayloristas-fordistas, do trabalho em posição fixa, em cadeia para o trabalho flexível, polivalente, autônomo, móvel, resumindo no que já é denominado de paradigma molecular-digital, cujas formações disciplinares-produtivas são a célula e a equipe, e não mais o trabalhador isolado em funções prescritas e fixas<sup>19</sup>.

---

<sup>17</sup> OLIVEIRA, F. Os direitos do antivalor. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 63.

<sup>18</sup> OLIVEIRA, F. A era da indeterminação, p. 25

<sup>19</sup> OLIVEIRA, F. Classes sociais em mudança e a luta pelo socialismo, p. 11.



Com a brutal destruição dos postos de trabalho dado que no novo contexto de transformação tecnológica a racionalização é maior do que a geração de empregos. Está em curso um grande aumento no chamado exército industrial de reserva. Para Oliveira,

teoricamente, o esquema de Marx do 'exército industrial' parece ser mais atual do que nunca, mas sua compreensão requer uma nova interpretação. A ampliação do assalariamento operou uma fusão entre as frações intermitente e latente do exército industrial: praticamente todos os trabalhadores converteram-se em membros intermitentes/latentes pela permanente desqualificação e pela informalização. A fração propriamente ativa tornou-se minoritária, enquanto a fração estagnada ou lúmpen tende a crescer<sup>20</sup>.

Em seu trabalho mais recente *O ornitorrinco*, Chico de Oliveira abordou aspectos essenciais do que, por assim dizer, se transformaria a sociedade brasileira nos marcos do atual processo de globalização ou mundialização do capital. No atual contexto, "avassalada pela Terceira Revolução Industrial, ou molecular-digital, em combinação com o movimento da mundialização do capital, a produtividade do trabalho dá um salto-mortal em direção à plenitude do trabalho abstrato"<sup>21</sup>. Neste sentido, o brutal crescimento da produtividade do trabalho no atual contexto é a uma luta do capital para encurtar a distância entre as formas concretas e a *essência* abstrata do consumo da força de trabalho.

Nos marcos das grandes transformações tecnológicas e na esteira

---

<sup>20</sup> OLIVEIRA, F. *Classes sociais em mudança e a luta pelo socialismo*, p. 18.

<sup>21</sup> OLIVEIRA, F. *Crítica à razão dualista, o ornitorrinco*, p. 135.



do aumento da produtividade do trabalho e das transformações estruturais em curso, os direitos dos trabalhadores transformam-se em alvo e em estorvo para a nova forma de acumulação global molecular-digital, onde “cria-se uma espécie de ‘trabalho abstrato virtual’”<sup>22</sup>. No Brasil, os efeitos de todas essas transformações são aterradores, onde se pode verificar um salto nas taxas de desemprego e informalização da classe trabalhadora como um todo. O desemprego torna-se estrutural e não apenas derivado dos naturais ciclos das economias capitalistas. Para Oliveira, não faz mais sentido a dicotomia entre trabalho formal e trabalho informal na medida em que em certas ocasiões e regiões o chamado trabalho informal ultrapassa o chamado formal.

Na reflexão de Oliveira, as grandes transformações em curso no final do século XX e início do século XXI trouxeram uma mudança radical em nossa realidade. O Brasil não pode mais ser considerado “subdesenvolvido” já que conceitualmente isto significaria possuir uma estrutura econômica com ausência de algum setor dinâmico, geralmente representado pela indústria por excelência, apesar de heterogeneidades poderem também estar presentes na agricultura. Também não é um país considerado desenvolvido, já que não domina as novas dinâmicas tecnológicas da quarta revolução industrial. Então o que é o Brasil? É o ornitorrinco, uma espécie de metáfora diabólica. Um dos significados do ornitorrinco é que o Brasil dá adeus “ao país do futuro”. Para Oliveira “não há mais futuro, porque ele já está aí”<sup>23</sup>. Ou seja, “o futuro chegou porque o subdesenvolvimento já não era uma singularidade, a forma própria de expansão do capitalismo na periferia.

---

<sup>22</sup> OLIVEIRA, F. *Crítica à razão dualista, o ornitorrinco*, p. 137

<sup>23</sup> OLIVEIRA, F. *Brasil: uma biografia não autorizada*, p. 72.



Já não havia, no mundo globalizado de fins do século XX e início do XXI, fronteiras para a expansão do capital que, ao realizar, liquidasse todas as anteriores formas 'feudais' ou pré-capitalistas".<sup>24</sup>

Neste sentido, o ornitorrinco é uma sociedade truncada, presa a um presente infinito gerador de desigualdades, sendo o ornitorrinco uma das sociedades capitalistas mais desigualitárias do mundo. Para Oliveira, "as determinações mais evidentes dessa contradição residem na combinação do estatuto rebaixado da força de trabalho com dependência externa"<sup>25</sup>. O arcabouço ideológico que preside tais transformações é o neoliberalismo.

Assim, Oliveira conclui que o ornitorrinco não pode permanecer como subdesenvolvido e aproveitar, como no passado, as brechas da segunda Revolução Industrial. Não há como avançar no sentido da acumulação digital-molecular, pois as bases internas para a acumulação são insuficientes. "Restam apenas as *acumulações primitivas*, tais como as privatizações propiciam"<sup>26</sup>.

## 5. Considerações finais:

Vista em seu conjunto a riqueza da obra de Chico de Oliveira está na expressão da aplicação feliz do método materialista histórico e dialético para a elucidação do fenômeno da particularidade brasileira. Desde a análise crítica e cabal do estruturalismo e dualismo cepalino e furtadiano até a radical e aguda análise das contradições do capitalismo brasileiro que levaram sua particularidade ao beco sem saída expresso em sua brilhante metáfora do ornitorrinco.

---

<sup>24</sup> OLIVEIRA, F. Brasil: uma biografia não autorizada, p. 73.

<sup>25</sup> OLIVEIRA, F. Crítica à razão dualista, o ornitorrinco, p. 143.

<sup>26</sup> OLIVEIRA, F. Os direitos do antivalor. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 150.





Seu cerne está em captar a essência de nossa particularidade, somente possível dada a sua rara capacidade de pensar dialeticamente a miséria de uma particularidade de extração colonial, escravista e que se reproduz como subordinação e acumulações primitivas processuais.

As consequências sociais são devastadoras já que o processo de industrialização e suas novas formas de subordinação recriam a concentração de renda que vem estruturalmente desde o século XVI. Já no final do século XX e início do século XXI, a introdução de políticas de talhe neoliberal exacerbam as velhas contradições. As políticas neoliberais no Brasil e na América Latina se transformam em autoritarismo e exclusão. Segundo Oliveira, é o atraso da vanguarda: "síntese, clé de voûte, de complexos processos de nova direitização, neoconservadorismo, racismo físico e cultural, intensa transformação dos sujeitos sociais, desemprego, que no fundo expressam uma radical exasperação dos limites da mercadoria. Uma crise da modernidade que volta a tangenciar os limites do totalitarismo, numa espécie de Auschwitz sem chaminés de crematório"<sup>27</sup>.

### Referências Bibliográficas

- OLIVEIRA, Francisco de. *A economia brasileira: crítica à razão dualista*. Petrópolis: Vozes, 1981. (1. ed., 1972).
- \_\_\_\_\_. *Crítica à razão dualista, o ornitorrinco*. São Paulo: Boitempo, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Collor: a falsificação da ira*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Os direitos do antivalor: a economia política da hegemonia imperfeita*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- \_\_\_\_\_. *A economia da dependência imperfeita*. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1977.

<sup>27</sup> OLIVEIRA, F. Os direitos do antivalor, p. 208.



- \_\_\_\_\_. "Neoliberalismo à brasileira". In: SADER, Emir. *Pós-neoliberalismo*. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Elegia para uma re(li)gião: Sudene Nordeste, planejamento e conflito de classes*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- \_\_\_\_\_. *O elo perdido: classe e identidade de classe*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- \_\_\_\_\_. "Globalização e antivalor: uma antiintrodução ao antivalor", In: FREITAS, Marcos, C. *A reinvenção do futuro*. São Paulo: Cortez/Bragança: USF, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Classes sociais em mudança em mudança e a luta pelo socialismo*. São Paulo Perseu Abramo, 2000.
- \_\_\_\_\_ & Risek, Cibele. *A era da indeterminação*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Brasil: uma biografia não autorizada*. São Paulo: Boitempo, 2018.
- OLIVEIRA, Roberson C. & GENNARI, Adilson M. *História do Pensamento Economico*, 2ª Edição, São Paulo: Editora Saraiva, 2019.

*Recebido em 17 fev. 2020 | aceite em 01 mar. 2020*

